

## **VERBETES DO DICIONÁRIO**

**Mendes, R et al. Dicionário de Saúde e Segurança do Trabalhador: conceitos, definições, história, cultura. Novo Hamburgo: Proteção Publicações Ltda, 2018.**

### **“TEORIA DA ATIVIDADE” e “SISTEMA DE ATIVIDADE”**

Marco Antonio Pereira Querol

A *Teoria Histórico-Cultural da Atividade* ou *Cultural Historical Activity Theory* é uma abordagem teórica que pode ser utilizada para representar o objeto de estudo e ajudar o pesquisador-intervencionista, assim como os profissionais de uma atividade, a compreenderem a atividade onde trabalham, seus desafios e possibilidades de desenvolvimento. Na “*Teoria da Atividade*”, a unidade de análise é uma atividade humana - que pode ser entendida como um conjunto de ações necessárias para transformar um objeto (Engeström, 1987; 2016). A teoria pode também ser utilizada em intervenções para o

desenvolvimento expansivo de atividades, como o método do "Laboratório de Mudança". (ver verbete)

Vygotsky (1978) é considerado o fundador da teoria. Em seus estudos, ele queria explicar os comportamentos complexos das crianças. Para tanto, introduziu a *teoria da mediação cultural* (ver verbete "Teoria da Mediação Cultural de Ações Humanas"), que significa que a relação entre o sujeito e o objeto é mediada pelos meios culturais ou artefatos como sinais e ferramentas. A inserção de artefatos culturais no estudo das ações humanas foi revolucionária, uma vez que a unidade básica de análise passou a superar a separação entre o indivíduo e a estrutura social. O indivíduo não podia mais ser entendido sem o seu meio cultural, enquanto a sociedade não podia mais ser entendida sem os indivíduos que utilizam e produzem esses artefatos (ENGSTRÖM, 2001). Os objetos tornaram-se entidades culturais, e a ação orientada ao objeto tornou-se a chave para entender a psique humana.

Apesar dos grandes avanços proporcionados pela *teoria da mediação cultural*, a limitação desse modelo é que a unidade de análise é focada nos indivíduos (ENGSTRÖM, 2001, p. 134). Essa limitação foi superada por A.N. Leontiev (1981), que expandiu a unidade de análise de uma atividade. O pressuposto básico é que uma atividade é sempre dirigida a um objeto - não há atividade sem objeto. Baseado na proposta de Leontiev (1981), Engeström (1987; 2016) propôs o "Sistema de Atividade" como unidade de análise (Figura 1).

O Sistema de Atividade pode ser utilizado na simulação de atividades, visando a criação de novas formas de atividades, como por exemplo:

a. analisar o desenvolvimento e a formação dos elementos da atividade;

b. revelar as contradições dentro e entre sistemas de atividade;

c. modelar ou desenhar um novo conceito da atividade, de forma a resolver as contradições internas, mudando os elementos do sistema. Os elementos apresentados nesse modelo podem ser assim definidos:

- *Sujeito*: um indivíduo ou um subgrupo de pessoas no qual suas posições e pontos de vista são escolhidos como perspectiva de análise;

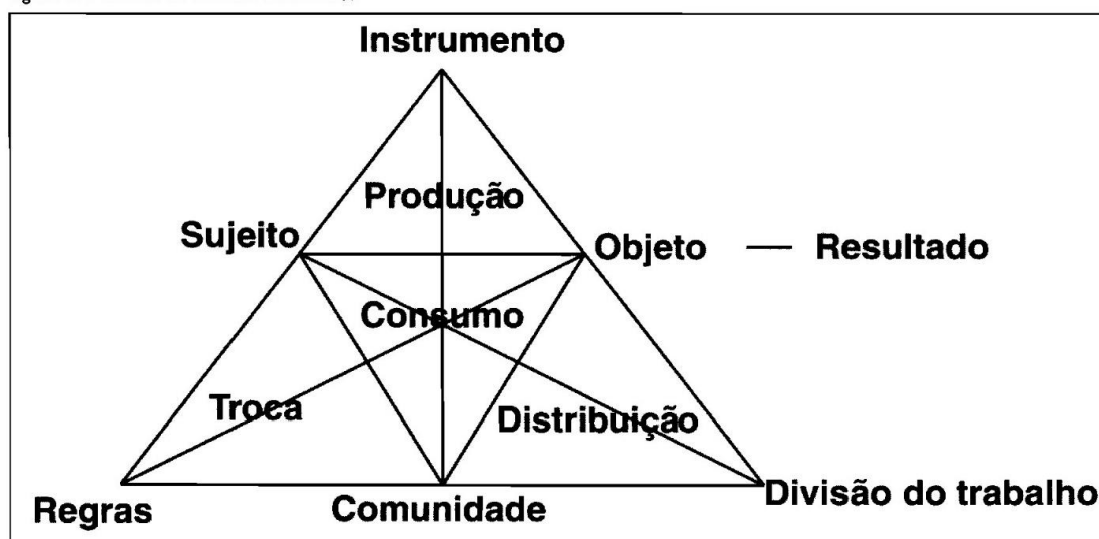
- *Objeto*: comotivo e a finalidade de um sistema de atividade coletiva. O objeto é a "matéria-prima" (e.g.: situação problema) que será transformada pelos sujeitos. O objeto é visto como decorrente de constantes interpretações, reconstruções e modificações impelidas pela ação dos sujeitos, interessando revelar, portanto, o caráter contraditório e historicamente mutável dos sistemas envolvidos na produção da atividade;

- *Ferramentas*: os instrumentos mediadores da ação dos sujeitos de forma física ou simbólica, externas e internas, tais como: objetos, mobiliário, texto e vídeo, aparelhos eletrônicos de som e vídeo, espaço físico, modelos, planos, esquemas, *layout*, abstrações, imagens, sinais e outros;

- *Comunidade*: todos os indivíduos ou subgrupos que possuem o mesmo objeto da atividade em questão;

- *Divisão de Trabalho*: é a divisão de tarefas entre os sujeitos, as relações hierárquicas existentes, os arrolamentos de poder e submissão que são pertinentes ao grupo, além dos conflitos, manifestações de resistência, de *status*, e outros;

Figura 1: O modelo do Sistema de Atividade



(Fonte: ENGSTRÖM, 2016, p. 105)

- *Regras*: regulamentos, normas, convenções relacionadas ao contexto da atividade que se apresentem de forma tácita ou explícita.

Os sistemas de atividade nunca estão isolados, sendo que mudanças em um sistema de atividade podem levar ao surgimento de contradições em outro sistema de atividade. Contradições podem ser entendidas como forças antagônicas em um sistema de atividade. No sistema capitalista, a principal contradição é a contradição primária interna aos objetos. Essa contradição está relacionada ao fato de que no sistema capitalista o produto do trabalho pode ser considerado uma mercadoria, que possui um valor intrínseco contraditório, um valor de uso e um valor de troca. O valor de uso significa que elas são úteis para satisfazer uma necessidade. O valor de troca se refere ao fato que elas podem ser trocadas. Esses dois valores são contraditórios no sentido de que são mutuamente exclusivos. O produtor de uma mercadoria visa maximizar o valor de troca, enquanto o consumidor visa maximizar o valor de uso. Essa contradição se expressa de forma diferente em diferentes atividades.

As contradições são a força motriz do desenvolvimento de um Sistema de Atividade. A contradição primária entre valor de uso e valor de troca manifesta-se de forma diferente, e se desenvolve em outros tipos de contradições, secundárias e terciárias, discutidas no verbete *Teoria de Aprendizagem Expansiva*.

## Referências

ENGSTRÖM, Yrja. **Aprendizagem Expansiva**. Campinas (SP): Pontes Editores, 2016, 370p.

\_\_\_\_\_. **Expansive Learning at work: toward an activity theoretical reconceptualization**. *Journal of Education and Work*, vol. 14, n. 1, p. 133–156, 2001

\_\_\_\_\_. **Learning by Expanding: An Activity Theoretical Approach to Developmental Research**. Helsinki: Orienta Konsultit Oy, 1987.

LEONTIEV, Aleksi Nikolaevich. **Problems of the development of the mind**. Moscow: Progress, 1982.

VYGOTSKY, Lev S. **Mind in society: The development of higher mental process**. Cambridge (MA): Harvard University Press, 1978.

